REVISTA REDAÇÃO	21
PROFESSOR: Lucas Rocha	
DISCIPLINA: Redação	DATA: 16/06/2013

Questão de peso (CLARISSA SILBIGER OLLITTA)

A maioria dos tratamentos indica uma reeducação alimentar. No entanto, a pessoa que sofre de obesidade utiliza-se do alimento para alívio de um intenso estado de angústia

Obesidade está na moda! Está na moda cobrar da pessoa obesa que ela emagreça! Está na moda publicar pesquisas de índices de obesidade alarmantes. Está na moda postar fotos de corpos flácidos emagrecidos. Está na moda abrir empresas com promessas salvadoras do suplício da obesidade. Moda, também, é demonizar os obesos. Moda é a promessa da juventude eterna associada à magreza. É ganhar fama pela descoberta de uma nova fórmula emagrecedora e, ainda, divulgar depoimentos de terapêuticas revolucionárias. Moda, por fim, é ter um blog contando o vitorioso processo de emagrecimento saudável.

Está nascendo, também, uma nova moda, filha da primeira. Carrega um peso considerável e embala um pesadelo numa linda fita cor de rosa: a obesidade infantil. Vamos começar pela genitora: a obesidade nos adultos.

Há um equívoco na compreensão da obesidade. Nenhum ser humano opta deliberadamente por ser obeso

Antes de tudo, quero ressaltar que valorizo todos os estudos que aprofundam a pesquisa da obesidade, e, sem dúvida eles são uma contribuição inquestionável. São incontestáveis os prejuízos, tanto do ponto de vista da saúde individual como da saúde pública, que a obesidade acarreta. Por todas as vias somos sensibilizados e alertados para isso. Portanto, esse artigo não pretende atualizar os dados referentes ao tema. Convido a pensar sobre a realidade da política alarmista e culpabilizadora que tem nos impactado nas últimas décadas.

Vivemos numa sociedade na qual nossa competência é determinada pelo grau de adequação a modelos comercialmente estabelecidos. Atravessados por mecanismos eletrônicos que escapam ao nosso controle e estimulam nossa exposição, nossos corpos vigiados são o cartão de visita para a entrada no mercado de imagem.

São incontestáveis os prejuízos, tanto do ponto de vista da saúde individual como da saúde pública, que a obesidade acarreta

A moral do *body-building* tornou-se um potente apanágio para a culpabilização da pessoa obesa pela sua própria condição, salvaguardando, assim, todo o processo de indução ao consumo por meio de mecanismos sofisticadíssimos que penetram em nossa casa, em nossas televisões, em nossos hábitos. Impotentes, reproduzimos ideais de beleza e juventude concretamente inacessíveis, fomentando a indústria farmacêutica, as empresas alimentícias, produtos da lógica da competição globalizada. Denunciamos as propagandas enganosas veiculadas pela mídia que gera consumo incontrolável em nosso cotidiano. Certamente, vivemos num universo ambivalente que estimula a obesidade e depois a rejeita.

Para uma criança, ter um tênis de marca é tão importante quanto tomar um suco de caixinha no recreio da escola. O pódio social, que atravessa nosso cotidiano, determina as posições de acordo com seu poder de compra

Considerações

Há um equívoco na compreensão da obesidade: associada ao desequilíbrio entre ingestão alimentar e queima calórica, estimula que a maioria dos tratamentos indique uma reeducação alimentar. Uma abordagem centrada no alimento. Ora, nenhum ser humano opta deliberadamente por ser obeso. Será o mesmo afirmarmos que todo alcoólatra é alcoólatra porque bebe demais. A pessoa que sofre de obesidade, utiliza-se do alimento por razões que escapam ao seu controle, para alívio de um intenso estado de angústia, e a consequência desse ato é a obesidade. Por isso, impedir esse alívio, tampar

esse canal de descarga pelo controle alimentar se torna inviável no longo prazo, pois o desconforto interno permanece, aumenta, aliás, e com ele a necessidade de descarga também fica maior.

Muito além do peso

Lançado no final do ano passado e disponível no YouTube, de graça, o documentário Muito além do peso, da diretora e roteirista brasileira Estela Renner, traz dados estarrecedores sobre a obesidade infantil no Brasil. Dentre eles, a informação de que 56% das crianças brasileiras com menos de um ano consomem refrigerante. O alerta simboliza algumas das principais premissas da produção: a alta e precoce ingestão de açúcar, a mudança dos hábitos alimentares, a pouca informação dos pais, o bombardeio de propagandas e a clara predisposição das novas gerações serem ainda mais obesas. Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), 33% das crianças no País são obesas ou estão com estão com sobrepeso e 4 entre 5 cinco crianças continuarão nessa condição até o fim da vida. Esses não são os únicos pontos explorados pela diretora, que se vale de uma série de entrevistas em que especialistas, nacionais e internacionais, entre eles a própria Clarissa Ollitta, autora deste artigo, analisam em diferentes ângulos não apenas as consequências do sobrepeso infantil, mas também suas origens econômicas e sociais e repercussões psíquicas. Compara-se também o contexto brasileiro com o internacional, indicando claramente que a doença já se transformou em pandemia. Fica evidente que não existe uma solução fácil. A obesidade infantil envolve a indústria, o governo, os pais, os profissionais da saúde, as escolas e até a publicidade.

No campo mental, alguns conceitos têm sido utilizados de maneira repetitiva e empobrecedora. Depressão e compulsão são diagnósticos frequentes e vazios. Há pouco investimento em entender a obesidade do ponto de vista psicossomático, ou seja, como uma legítima expressão humana da mente integrada com o corpo, gerando uma compreensão empobrecedora desse importante universo.

Há uma permanente culpabilização do paciente pela sua própria condição. Delega-se maciçamente a responsabilidade do fracasso. Os profissionais da saúde, muitas vezes frustrados, evitam confrontos que questionem sua competência

Apesar do consenso na classe de profissionais da saúde de que a pessoa é um indivíduo único e singular, a prática dos tratamentos tem sido compartimentar a pessoa obesa em especialistas que competem por orientações divergentes. A pessoa obesa é frequentemente considerada um paciente difícil. "Rebelde", "desobediente" e "indisciplinado" são adjetivos comuns que, se não atribuídos diretamente, são veiculados entre os colegas de profissão.

A prática dos tratamentos tem sido compartimentar a pessoa obesa em especialistas que competem por orientações divergentes

E como dizer não?

Quem é o nosso paciente? Quem sinaliza um pedido de ajuda?

Por enquanto, nos dizem que são as pobres crianças nas mãos dos ignorantes e irresponsáveis pais. Temos pena delas, imaginamos suas desastrosas perspectivas de vida e uma revolta rancorosa começa a circunscrever os pais da criança obesa. É voz corrente serem eles que, irresponsavelmente, compram refrigerantes para os filhos, que não sabem dizer não aos salgadinhos - novamente o problema da alimentação -, que induzem a diabete porque não cozinham comidas saudáveis, que a abandonam na tutela da televisão ao sabor dos biscoitos, que são ignorantes porque não sabem de cor a tabela sujeide caloria dos alimentos e, por fim, porque não conseguem frustrar seus filhos em seus apetites vorazes.

Bem, se o adulto obeso é permanentemente cobrado pelo fracasso dos tratamentos da obesidade, agora encontramos outro algoz da obesidade infantil: os pais. O que significa para o pai, mãe, cuidador, alimentar uma criança? O alimento é nossa única via de sobrevivência física. Mas psíquica também. Inúmeras pesquisas comprovam que crianças alimentadas exclusivamente em berços, deprimem profundamente, quando não falecem, se não são tocadas, e acalentadas.

A criança precisa se alimentar integralmente, pelo contato, pela pele, pelo afeto, pelo alimento e o adulto precisa ser e se sentir um bom provedor. A sintonia dessa parceria é determinante para o desenvolvimento do bebê, mas, também, para confirmar a competência de quem cuida dela. Claro que é um processo complexo, delicado, entre seres humanos, com suas singularidades de ambos os lados. Existem nuances, momentos de acertos, outros não, mais sintonia, distância, porém é algo muito íntimo vivido entre os pais e seus filhos.

O Processo Civilizador

O sociólogo alemão Norbert Elias, em seu livro O Processo Civilizador, levanos a pensar no que aconteceria se um homem da sociedade ocidental contemporânea fosse, de repente, transportado para uma época remota, tal como o período medievo-feudal. Possivelmente descobriria nele hábitos e modos que julga selvagem ou incivilizado em sociedades da atualidade. Tais hábitos, diferentes dos seus, não condizem com a forma como foi educado, por isso os homens os abominariam. É possível que encontrasse um modo de vida muito diferente do seu, alguns hábitos e costumes lhe seriam atraentes, convenientes e aceitáveis segundo seu ponto de vista, enquanto poderia considerar outros inadequados. Estaria diante de uma sociedade que, para ele, não seria civilizada. Para esse homem, civilizados são os costumes do seu tempo, de seu povo, de sua terra.

A criança precisa se alimentar integralmente, pelo contato, pela pele, pelo afeto, pelo alimento e o adulto precisa ser e se sentir um bom provedor

A obesidade é a expressão de um paradoxo no qual, por um lado, há um acúmulo excessivo de energia e, por outro, uma inapropriada utilização dela. Ser obeso é ser grande e sentir-se frágil

Ao longo da vida, multiplicam-se as fomes, do alimento concreto às demandas de amor, dos bens materiais às exigências e junto as possibilidades e restrições de atendê-las. Educar um filho entra nesta miríade de troca. Para Kehl (Corpos Estreitamente Vigiados), a modernidade resulta de um longo processo de disciplina e de auto-observação dos corpos. *O Processo Civilizador*, do sociólogo alemão Norbert Elias, é uma minuciosa investigação sobre a gênese da formação do que é hoje, para nós, o corpo civilizado normal. A socialização das crianças pequenas, desde as primeiras formações das sociedades de corte, consistia (como ainda hoje) no aprendizado de uma série de controles corporais.

Aprende-se desde cedo como é que se anda no meio dos outros, como é que se come em presença de estranhos, como se controlam os impulsos corporais em público. A criação da moderna esfera privada nas sociedades liberais é indissociável da introjeção dos mecanismos de controle dos impulsos e dos afetos, na vida pública. Freud considerava o desenvolvimento de uma instância psíquica encarregada do autocontrole como um avanço da civilização. A autodisciplina afetiva e corporal é condição do engajamento dos sujeitos na ordem social, diria Foucault, para quem a submissão voluntária é o braço subjetivo do poder. O autopoliciamento permanente é o preço a ser pago pela vida moderna, sobretudo nas cidades.

A obesidade infantil pode ser entendida como um sintoma dessa complexa trama. Algo que não vai bem e precisa ser visto. É mais um sintoma que penetra em nossa casa. Se quisermos compreender como uma criança obesa se sente no mundo, podemos começar pela compreensão do adulto obeso. A queixa mais frequente é que desde a infância ele deixou de ter uma identidade, uma história singular, um caminho próprio, para se tornar um diagnóstico: obesidade. O mundo o marcou, tatuou pela inadequação. Desde os espaços públicos que o expulsam, até as roupas que o ignoram. Com a criança obesa acontece o mesmo: a palavra criança desapareceu. Ela virou uma entidade: obesa. O mundo a reconhece, identifica e se relaciona com a sua forma considerada disforme. Quem quer ser amigo de um disforme? De um glutão? O imaginário social entende que a criança obesa é potencialmente um "ladrão" porque come mais, pega mais, quer mais, anseia mais. Claro que ela deseja se esconder. Mas como esconder o corpo que todo mundo vê? Sujeitando-se à humilhação diária.
Se cada um de nós se desenvolve psiquicamente a partir do olhar do outro, virar uma entidade exclusivamente obesa é ser o quê?! Alguém sem espaço de legitimidade, ocupando um enorme espaço, ou melhor, usurpando um espaço que não lhe é de direito. Que desastre!

Se quisermos compreender como uma criança obesa se sente no mundo, podemos começar pela compreensão do adulto obeso

Pódio social

Para uma criança, ter um tênis de marca é tão importante quanto tomar um suquinho de caixinha no recreio da escola. Numa realidade onde a felicidade é medida pelo poder de consumo, ser pai é querer dar tudo considerado bom e melhor para seus filhos. O pódio social, que atravessa nosso cotidiano, determina as posições de acordo com seu poder de compra. Nenhum pai quer intencionalmente colocar seu filho numa situação de exclusão. O alimento há muito deixou de ser uma via exclusiva de sobrevivência, é moeda de inclusão social. Seríamos ingênuos ao pensá-lo no sentido estritamente nutricional. Além disso, o alimento está sujeito às leis da livre concorrência, ou seja, um pé de alface custa o triplo de um pacote de biscoito doce. Dar um biscoito para um filho quando todas as crianças comem biscoito é viabilizar uma condição de igualdade, muitas vezes, até compensatória da limitações vividas na sua própria vida, quando não foi duramente marcada pela pobreza passada. É por isso que as orientações médicas ou nutricionais desvinculadas dessa compreensão mais ampla soam ingênuas e ineficazes.

Mesmo assim, os pais passam a ser diretamente responsabilizados pela condição de sofrimento de seus filhos. Mas culpabilizando-os conseguimos ajudá-los? Que pais querem ter os seus filhos obesos, discriminados, doentes?! Que pai opta deliberadamente por um futuro sombrio para seus filhos?! Conviver com um obeso indisciplinado já é "insuportável". Quem pode aceitar pais "estragando" a saúde dos filhos? Condenados a viver na encruzilhada da fome afetiva do filho e na acusação irrevogável das autoridades, produzimos prisioneiros da perplexidade. A fome de reconhecimento, de legitimação, de competência carimba a família da criança obesa. Desamparo e abandono geram indivíduos famintos e carentes. E comer é uma maneira de saciar-se, nem que seja temporariamente.

Ser uma criança obesa é estar submersa dentro de uma ambiguidade, na qual a criança, por mais que coma, sente-se incapaz de enfrentar o mundo, sua pressão, suas exigências

Dar um biscoito para um filho quando todas as crianças comem biscoito é viabilizar uma condição de igualdade

Como pedir para os pais que restrinjam os alimentos de seus filhos, se eles próprios têm fome? Fome de ser competente, fome de ser validado, fome de ser bom provedor. A discriminação de uma criança obesa e a cobrança sobre os pais gera tal angústia, que rejeitar ou regular um alimento só aumenta o circuito de impotência familiar. O aumento da obesidade e da obesidade infantil chama a nossa atenção para a ineficácia dos tratamentos. A obesidade diminuiu? Os

tratamentos estão mais bem sucedidos? Obtemos resultados mais estáveis? Nossos pacientes estão mais satisfeitos e saudáveis? O ambiente considerado obesogênico está melhor controlado?

Tratamentos vãos

O fracasso reiterado dos tratamentos exige uma reflexão. Há uma permanente culpabilização do paciente pela sua própria condição. Delega-se maciçamente a responsabilidade do fracasso. Os profissionais da saúde, muitas vezes frustrados, ou exauridos diante do desafio da obesidade, acabam se preservando, evitando confrontos que questionem sua competência por meio de mecanismos de delegação maciça. Alimentados por uma mídia que valoriza seu saber exacerbam a onipotência do suposto conhecimento científico. O sofrimento psíquico é excluído da trama, a abordagem focada no organismo cria a ilusão de um caminho com resultados garantidos, desconsiderando a pessoa, seus desejos, suas escolhas, suas determinações inconscientes. Fica, assim, inconcebível pensar a vida como um percurso dinâmico com movimentos diversos, oscilações, dúvidas, acertos, equívocos.

Somos determinados por um inconsciente que escapa à nossa compreensão e ao nosso domínio

Para isso, proponho uma compreensão que reconheça os sinais do corpo como uma legítima expressão de um ser integrado em sua mente e corpo. Somos determinados por um inconsciente que escapa à nossa compreensão e ao nosso domínio. Expressamos nossas tramas vitais por meio de nossas emoções, do nosso corpo. É com o resgate e com a reconstrução biográfica que podemos recuperar o significado de nossas expressões psicossomáticas, como a obesidade.

A obesidade é a expressão de um paradoxo no qual, por um lado, há um acúmulo excessivo de energia e, por outro, uma inapropriada utilização dela. Ser obeso é ser grande e sentir-se frágil, é ocupar espaço e não saber como fazer, é ter sobra e viver o vazio, é querer ser e não ter com o quê. É ser exigido e ter uma força que escapa.

Ser uma criança obesa é estar submersa dentro dessa ambiguidade na qual a criança, por mais que coma, sente-se incapaz de enfrentar o mundo, sua pressão, suas exigências. Seus pais, supostos modelos de força, sentem-se fragilizados, tal é o nível de mutilação e desautorização a que eles são submetidos.

Geralmente concordamos quando se diz que uma das características de nossa época é sua lipofobia, sua obsessão pela magreza, sua rejeição quase maníaca da obesidade (Fischler, 1989). Precisamos estar atentos para não reproduzirmos automaticamente práticas mutiladoras por meio de discursos pseudocientíficos. Nossas crianças sinalizam que estamos fragilizados e impotentes.

Sugiro, dessa forma, que na obesidade há um circuito de famintos no qual se recomenda a restrição alimentar, ou seja, um incremento da má nutrição, pois ela, a obesidade, denuncia a má nutrição existencial. Estamos mal alimentados e temos fome. Precisamos inverter a polaridade, ao invés de fechar a boca, abrir as nossas bocas, as bocas das crianças obesas, de seus pais, dos adultos obesos, dos profissionais, para que possamos ser alimentados com nutrientes que efetivamente saciem a nossa fome.

Corpos vigiados

Maria Rita Kehl, psicanalista e escritora, autora de Ressentimento (Casa do Psicólogo), Videologias (BoiTempo; em parceria com Eugênio Bucci), entre outros, é ensaísta, crítica literária, poetisa e cronista brasileira. Em seu ensaio Corpos Estreitamente Vigiados, afirma que o chamado amor próprio depende da visibilidade. Para ela, não se trata apenas da beleza. Não basta ter um rosto harmonioso, um corpo bem proporcionado. É preciso aumentar a taxa de visibilidade, ocupar muito espaço no mundo. "É preciso fazer a imagem crescer. Inflar os bíceps, as nádegas, os peitos, aumentar as bochechas, esticar o comprimento dos cabelos. A receita de beleza no terceiro milênio deve ser: muito tudo".

CLARISSA SILBIGER OLLITTA é psicóloga, psicanalista, psicossomatista, coordena o curso "A Trama da Obesidade" e o Programa de Estudos e Tratamento do Obeso no Instituto Sedes Sapientiae. **Revista PSIQUE, Junho de 2013.**

Ensaio sobre a obesidade (EDUARDO LUCAS ANDRADE e JOÃO ANTÔNIO FERNANDES)

O corpo do obeso é lugar de gozo e de pulsações que geram atos psíquicos repetitivos. Ele é ainda mais complexo, é um corpo pesado pelo psíquico, pela biologia e pela pressão do social

O corpo que é incomodado pela pulsão, muitas vezes demanda análise. O corpo é campo concreto para aquisição de sintomas, adesão de mal-estares, investimento de energias psíquicas e representações de ideias inconscientes. O corpo é a fala na carne. Ele tem desmedido peso na teoria psicanalítica e em sua clínica.

Na contemporaneidade, estamos vivendo a cultura dos avanços desenfreados, e com ela surgem novas aplicações do corpo e sobre o corpo, acompanhando (re)edições de sintomas e manifestações psíquicas. A noção de corpo acompanha a teoria psicanalítica desde os seus primórdios. Antes mesmo de Freud denominá-la de Psicanálise, está lá, registrada no "Projeto Para uma Psicologia Científica", de 1895. Aliás, podemos dizer que foi o corpo que ligou Freud à Psicanálise. O corpo histérico manifestando enigmas obscuros do inconsciente, até então desconhecido pela Ciência. Ainda nessa lógica, o corpo foi o que impulsionou Freud a desvendar a obscuridade humana e a se encontrar com o psíquico. Do corpo histérico, como estimulante, ao corpo de Freud, impulsionado pelo Desejo, nascem os primeiros passos que o levariam à descoberta do inconsciente e à fundação da Psicanálise.

De lá para cá esse corpo sofreu desmedidas variações em suas manifestações de linguagens psíquicas nas suas motilidades pulsionais. Do corpo histérico enveredamos ao corpo da psicossomática, da anoréxica, da bulímica, ainda o da "nova" configuração histérica, além do corpo erógeno e do narcísico. Temos ainda o complexo corpo do obeso que inflinge padrões sociais de nossa época, deixando esse corpo como estranho e tendendo-o o social à excluí-lo.

O corpo representa o inconsciente e a partir dele satisfazermos as necessidades e exigências pulsionais

Na Psicanálise, o obeso deverá elaborar o peso que sua condição pulsional lhe colocou em parceria com o Desejo e o corpo

Assim como o da histeria, o corpo do obeso é um corpo estendido como lugar. O corpo do obeso é lugar de gozo e de pulsações que geram atos psíquicos repetitivos. O corpo do obeso é ainda mais complexo, é um corpo pesado pelo psíquico, pela Biologia e pela pressão do social; é um corpo que pesa na sua estreita relação com o Desejo, enfatizando sobre máscaras do prazer drásticas consequências tanto na vivência quanto na sobrevivência. É um corpo que sofre o verdadeiro peso do mal estar da civilização estampado em seu real na carne. Um corpo que se afastou do Desejo e se tornou problema social singular. Mais da metade dos brasileiros está acima do peso, a isto, chamamos de sobrepeso, obeso é um complexo ainda maior. Entenderemos o obeso como um sobrepeso que vai além, conforme veremos.

O corpo representa o inconsciente, assim como o corpo deste escrito representa minhas ideias. O corpo é nossa ferramenta para moposdificar o mundo externo e a partir dele satisfazermos as necessidades e exigências pulsionais. Será assim também o corpo do obeso? De certo a pulsão coloca o corpo em movimento, promove a escolha e incomoda-nos em nossa inquietante busca. Já o obeso encontra dificuldades nessas articulações pulsionais e libidinosas, volta-se a si o peso das relações com o mundo. Peso este que leva-o muitas vezes à clínica psicanalítica, já que se foge do mundo externo deparando-se consigo mesmo - e de nós mesmos é impossível fugirmos. A Psicanálise pode possibilitar ao sujeito obeso o nascimento

Ao longo do tempo, o corpo sofreu desmedidas variações em suas manifestações de linguagens psíquicas nas suas motilidades pulsionais: do corpo histérico enveredamos ao corpo da psicossomática, da anoréxica e da bulímica

de uma leveza de ser, por meio do (re)encontro com o Desejo e com suas pulsões credenciadas, que jazem ancoradas ao corpo. Na Psicanálise, o obeso deverá elaborar o peso que sua condição pulsional lhe colocou em parceria com o Desejo e o corpo, restando sempre a pergunta: o que será que pesa mais, o corpo de um obeso sobre a balança ou seus conflitos psíquicos sobre o corpo?

Neurobiologia, fase oral e obesidade

O descontrole na quantidade de alimentos ingeridos, em paralelo com a falta de disciplina nos horários observados para o efeito, nos faz regressar ao estudo e investigação da fase oral, em que o peito da mãe lhe era oferecido ao ser observada a mais leve irritação. Associada a esta relação, suspeitamos que a excessiva intimidade corporal do bebê com a pele da mãe possa ocasionar nele uma excessiva erotização. No primeiro caso, o aspecto da disciplina, e de ser contemplado com o estritamente necessário, decerto lhe daria uma ordem, que de fato não podemos observar. No segundo caso, a excessiva erotização garante uma dependência relativamente ao objeto de desejo, ferindo de morte o caminho da autonomia. Somos confrontados com o objeto desejado e sexualizado, que devido ao padrão de estética idealizado na atualidade, não merece a atenção dos outros, recorrendo, por isso, a todos os métodos para que possa adquirir um modelo desejado e desejável, em que nos é dado a perceber a finalidade de ser amado. Eis a frustração, que empurra o obeso para o médico, e alguns para a análise, por impossibilidade, de por si só. tornar-se o modelo desejado da sociedade. Podemos ousar, e admitir, que existe uma conversão de excitações exageradas, por impossibilidade de descarga no mundo exterior, que reportam, mais ou menos, ao mesmo grau valorativo da irritação primária. Perante a irritação e na ausência do objeto de desejo, a comida servirá de apaziguador dessas excessivas excitações sentidas.

O sujeito do sobrepeso já ocupou lugares históricos de status. Hoje, o corpo atual cultivado é o dito sarado, magro e sem gorduras. Basta ativar qualquer órgão sensorial para percebê-los no ar dos atos humanos

Cultura do espelho

O sujeito do sobrepeso já ocupou lugares históricos de *status*. Freud, ao dizer do mal estar na civilização, perpassa a noção do belo aplicado à constituição civilizatória. Hoje, vê-se veemente isto, e o corpo atual cultivado é o dito sarado, magro e sem gorduras. Basta ativar qualquer órgão sensorial para percebê-los no ar dos atos humanos. Segundo Freud, a felicidade da vida é buscada predominantemente pela fruição da beleza. Freud postula, ainda, que "a atitude estética em relação ao objetivo da vida oferece muito pouca proteção contra a ameaça do sofrimento, embora possa compensá-la bastante" (Freud, 1930). Eis uma saída ofertada diante do cultural para o mal estar que hoje tornou-se ilusão.

O belo encanta o olhar e convida ao encontro com o outro. Aqui, consideraremos o olhar como forte registro na constituição do sujeito, não apenas o olhar do vísivel com os olhos e, sim, o perceptível sensorialmente ao mundo e a si próprio. Na constituição do sujeito, é no perpassar a fase do espelho que o olhar se depara com o princípio de realidade e com a tênue separação da realidade psíquica com a realidade externa, assim como, também, com a noção do *eu* e o Outro. O olhar do obeso encontra dificuldade neste avanço e faz como Édipo na trama final de sua tragédia, onde fronte a frustração tenazmente fixado ao sentimento de culpa, perfura os próprios olhos e retorna a si próprio, regredindo-se por repressão.

Ainda utilizando as metáforas mitológicas, chamaremos a presença da "Cabeça da Medusa", que também representa o obeso mórbido de nossa contemporaneidade. O obeso, ao encarar frontalmente a ameaça de castração, transforma-se em pedra, cristalizando-se como o próprio Desejo, afastando-se dele nas desesperadas tentativas de saciar a falta, alimentando ainda mais o sintoma e mantendo a causa isolada sobre os gozos do corpo. Os obesos também se isolam, até mesmo simbolicamente, fazem do seu corpo sua "calota acústica".

Os "estranhos" que escapam ao culto do belo tendem a encontrar convites à exclusão. Assim foi com os loucos na história da loucura, assim está sendo com os usuários de tóxicos e com os obesos, já que a cultura em que vivemos no Brasil, e em boa parte do mundo, consiste em uma cultura escultural sobre o corpo. Literalmente, uma cultura do espelho. Temos espelhos de variadas formas e tamanhos, espalhados por todos os lados.

O obeso apresenta-nos esses significantes. Por não brilhar aos olhos do outro, ele sofre no silêncio do encontro consigo mesmo. Engole o mundo em uma passividade que recorda a fase oral, fase fixada do obeso cuja repetição firma-se no erotismo oral. O obeso, assim como o sobrepeso, ultrapassa as margens visíveis julgadas pela cultura do espelho; o obeso caminha rumo ao alimento por questões singulares de sua história de vida. Utiliza o princípio de prazer e a tendência à repetição de uma fixação que o leva a compulsão alimentícia e envereda-o para questões biológicas mórbidas.

Academias, medicamentos, pílulas, promessas, aparelhos, segredos, dietas, dentre outras, são as formas que o social se lembra como sendo dos obesos, na sociedade. Nas formas de lucrar. Quando eles não aderem a essas práticas ofertadas e caem no outro lado do consumismo geram sobre si mesmo um cordão de isolamento, no qual o social tende a afastar aquilo que reflete suas próprias questões, deslocando ao outro as agruras de si próprio.

Neste sentido, a cultura do belo é, na verdade, a cultura do afastamento de si próprio sob máscaras de ilusões da tão sonhada completude, felicidade e modelo narcísico. Paga-se um preço pelo sustento desse Desejo infindável e também pelo seu não sustento.

Ficando-nos sempre a pergunta: quais são as faíscas do fogo desse Desejo no social e o que ele queima no sujeito? É como se o obeso chegasse à clínica com o grito igual ao do filho ao pai no sonho do capítulo VII da "A Interpretação dos Sonhos". "Pai, não vês que estou queimando?"

O obeso caminha rumo ao alimento por questões singulares de sua história de vida. Utiliza o princípio de prazer e a tendência à repetição de uma fixação que o leva à compulsão alimentícia

O obeso levado ao sobrepeso perpassa todas as classes sociais e idades. Questões psíquicas afetam o biológico que reflete no social que se volta ao corpo e com maior intensidade ao psíquico. Temos um sujeito biopsicossocial que sofre constantemente ataques pelas três vias - e aqui ele começa a diferenciar-se do sobrepeso. Daqui adiante estaremos a falar exclusivamente do obeso, entendido como um além do sobrepeso devido ao que se segue. O obeso, na verdade, é o reflexo de uma cultura que está abandonando o Desejo.

Obesidade e sujeito

O Desejo permanece o mesmo, sendo a mola mestre de cada um, que possibilita o sonhar. Para existir um sonho, deve necessariamente existir um Desejo. Porém, este Desejo carece de manutenções psíquicas, sendo um dos responsáveis e causadores destas deformações, o supereu - instância psíquica de forte cunho repressor. O supereu é a lei do aparelho, nossa moral psíquica, digamos assim. Dissemos moral, não ética; a ética permanece sendo a do Desejo. O supereu advém da cultura e é o herdeiro do complexo de Édipo. Desta forma, o sujeito obeso perdeu parte de sua ética em prol da avassaladora moral superegoica que lhe é imposta em sua forte repressão.

Distorção psíquica

O espelho, desde a sua criação, é utilizado para refletir imagens. A imagem do espelho não reflete por si só. A imagem refletida perpassa os estilhaços da vidraça do olhar, onde recebe distorções advindas do psíquico. O ser humano, ao olhar para o espelho, não vê o refletido e, sim, um reflexo que faz par com seus pulsares psíquicos de momento, podendo distorcer aquela imagem perceptível e torná-la monstruosa a si ou sedutora.

O obeso, assim como o sobrepeso, ultrapassa as margens visíveis julgadas pela cultura do espelho, e se mune de pulsações psíquicas

O sujeito obeso tem fome pulsional como uma saída de um desamparo. O desamparo, o alimentar-se e a passividade são os três representantes magistrais que ditam a influência da fixação na erotização oral

A nova configuração social influencia, nesta lógica, as manifestações do Desejo. (re)edita suas faces. Os sintomas histéricos, fonte da nascente pesquisa freudiana vestem outras roupagens. Os obesos mórbidos ganham espaços na cadeia sintomática atual, e isso, como qualquer outra coisa, não acontece por acaso. Na cadeia sintomática, o ser obeso afeta o corpo orgânico e psíquico, tentando sobreviver à pressão, hipertensões e demais doenças até mesmo cardíacas. Se estamos inclinados ao agora e temperados a abandonarmos buscas longas, esquecemos um pouco o Desejo, causador de sonhos, não só os noturnos, mas também os diurnos, que chamaremos aqui de *"sonhos sociais"* aqueles que mune os projetos para o futuro. Os planejamentos que nos levariam à realização destes sonhos, buscas, 'ganham corpo' ao se atualizar para satisfação imediata, no agora.

Epidemia infantil

Um dos problemas mais sérios do mundo moderno é a obesidade infantil. O cinema não ficou fora desse debate. O documentário Muito além do peso discute por que 33% das crianças brasileiras pesam mais do que deveriam. As respostas envolvem a indústria, o governo, os pais, as escolas e a publicidade. Com histórias reais, o filme tem direção de Estela Renner e conta no elenco com Jamie Oliver e Frei Betto, entre outros.

O sujeito nasce do corte edipiano sobre a dominância do princípio de prazer que torna-se a posteriormente tendência. Quem, por ventura, seria o sujeito obeso? O obeso é aquele que, quando chega à clínica psicanalítica, chega recordando-nos da enigmática esfinge. Ele chega no ritmo do: "Decifra-me ou eu te devoro!". Seus sintomas consistem, em geral, em compulsões atuantes sobre o alimento. Enquanto houver alimento ele come, ingere. Elegendo preferencialmente alimentos que carregam em si significantes que o remetem aos processos psíquicos.

Quando está amargurado, alimenta-se de doce, para adoçar-se. Os alimentos gordurentos o elevam a uma sujeira que incorpora em si a falta de manifestação pulsional. Satisfaz momentaneamente o afeto, mantendo intacta a ideia, cujo objetivo de comer tende a isolar. Sua baixa resistência à frustração o faz tentar recompensar pela comida. No obeso, o ato de comer atravessa o instintual, sobrecarregando o pulsional e o corpo, levando o sujeito ao gozo do além de princípio de prazer sobre forma da repetição, que é o protótipo da pulsão de morte deslizante na plataforma de um prazer barato.

O sujeito obeso está cada vez mais próximo ao encontro com o real, afastando-se do Desejo como busca, mantendo-o apenas como pedra angular de sua estrutura. O corpo do obeso é o sustento da sexualidade. A obesidade não é considerada uma patologia quando se restringe ao sobrepeso, ela é uma patologia na medida em que traz prejuízos ligados à questão biopsicossocial. O sujeito obeso tem fome pulsional como uma saída de um desamparo. O obeso escolhe o que comer, mas não quando parar de comer. É um sujeito fortemente reprimido. A pulsão nos permite a escolha, e a repetição estreita essa flexibilidade elegível. O desamparo, o alimentar-se e a passividade são os três representantes magistrais que ditam a influência da fixação na erotização oral, a mais arcaica do desenvolvimento humano segundo Freud. O aparelho psíquico produz suas próprias saídas e, quando este não mais se arranja satisfatoriamente, a clínica é acionada.

O obeso, assim como aquele que tem uma questão mal resolvida, sente- se sensível em relação aos discursos sobre seus representantes, neste caso a comida. O 'estranho' trabalhado por Freud ataca e desencadeia a angústia que tende levá-lo para a sua única saída conhecida e experimentada pelo seu aparelho psíquico. O sujeito obeso é um sujeito que representa a atual civilização. Mostra-se influenciado pelo discurso da busca da felicidade e do culto à beleza, além do principal, que é o abandono do Desejo para realizações repetitivas do aqui e agora.

REFERÊNCIAS

FREUD, S; A Interpretação dos Sonhos. Obras completas. 1900: Editora Imago, Brasil.
_____ 'Gradiva' de Jensen. Obras completas. 1906: Editora Imago, Brasil.
_____; O Inconsciente, Obras completas, 1915, Editora Imago, Brasil.

EDUARDO LUCAS ANDRADE é escritor, palestrante e aluno de psicologia na Faculdade Presidente Antônio Carlos; aluno de Psicanálise no Estúdio Ato de Psicanálise (Bom Despacho - MG). **JOÃO ANTÔNIO FERNANDES** é psicanalista freudiano e professor na Analizzare (Divinópolis - MG). **Revista PSIQUE, Junho de 2013.**

Bonecas de quatro (LUIZ FELIPE PONDÉ)

HOJE vou falar de coisa séria: vou falar de mulher. Aliás, nem tanto, pensando bem. Vou falar de feministas e muitas dessas não são exatamente mulheres. E também de gente que quer fazer meninas brincarem com carros e meninos com bonecas em nome da "tolerância". Até quando vamos ter que tolerar esses maníacos em zoar a vida dos filhos dos outros?
O fascismo nunca perde força. Em nome de uma educação para diversidade, os fascistas de gênero agora querem se meter nos brinquedos das crianças.

Quando será que a maioria silenciosa vai dar um basta nessa palhaçada pseudocientífica chamada teoria de gênero na sua versão "hard" (engenharia psicossocial do sexo)? Quando vamos deixar claro que essa coisa de dar boneca para meninos quererem ser meninas é, isso sim, abuso sexual? Quem sabe, quando as psicólogas e pedagogas tiverem coragem de parar de brincar com a sexualidade infantil fingindo que acreditam nessa baboseira de trocar os brinquedos de meninas com os dos meninos e vice-versa.

Mas, vamos aos fatos. Há alguns anos, assistia eu um pequeno festival de curtas sobre diversidade sexual quando ouvi uma das maiores pérolas desta pseudociência do sexo. O curta abria com uma cena de sexo em uma cadeia. Um casal, um homem e um travesti, faziam sexo. O travesti de quatro, o homem por trás. Os dois gozavam ao final. O curta seguiu seu curso, mas não é o filme em si que me chamou atenção. De certa forma, o curta repetia uma das manias chatas do cinema brasileiro: cadeia, bandido, pobre, drogas... Haja saco. Cinema preocupado em construir "consciência social" (essa nova categoria da astrologia) é sempre chato e ruim.

Terminado o filme, "especialistas" em gênero fizeram um debate. Na primeira fala, um dos integrantes da mesa protestou contra o fato que na cena o travesti estava de quatro e que isso revelava que os criadores do curta incorriam no pecado da "falocracia". Calma, caro leitor e cara leitora, não pretendo usar palavras de baixo calão numa segunda-feira. Explico-me: "Falocracia", termo cunhado para parecer chique, significa sociedade dominada pelo poder do macho (falo = pênis, cracia = poder). Segundo nosso gênio (seria gênia? Não me lembro bem do sexo...), o curta repetia o erro machista de colocar a "fêmea" no lugar da que gosta de ser penetrada por trás.

Para esses tarados em se meter na vida dos outros, as mulheres até hoje "pensam que gostam" de ser penetradas por trás porque foram oprimidas. Risadas? E quando digo que feminista não entende nada de mulher ainda tem gente que se espanta... Feminismo fora de delegacia de mulheres dá nisso: invasão da cama alheia. Pois bem, agora algumas feministas mais azedas do que o normal querem ensinar as mulheres heterossexuais (essas que muitas militantes julgam compactuar com o inimigo) a transar e propõem a demonização de uma das posições mais preferidas pelas meninas saudáveis: transar de quatro.

Segundo nossas fascistas de gênero, as heterossexuais devem ficar sempre por cima para olhar nos olhos do opressor e jamais (preste atenção: eu disse jamais!), ao fazer sexo oral (melhor não fazer), "jamais engolir sêmen, que é excremento como xixi e coco". É meninas queridas, um dia desses vão prender vocês se gostarem de ficar de quatro ou de "engolir". A liberdade sexual acabou e em seu lugar nasce a heterofobia. Quando vamos perceber o fato óbvio de que o feminismo é a nova forma de repressão social do sexo? Principalmente do sexo heterossexual feminino? Ao se meter embaixo do lençóis, essas azedas atrapalham a já difícil vida sexual cotidiana.

Uma coisa é combater crime sexual, salário discriminatório, outra coisa é se meter no modo como as pessoas gozam. Isso me lembra o filme espanhol de 1991 "El Rey Pasmado" de Imanol Uribe. Neste filme, um casal de nobres sofria "preconceito" porque a mulher gozava muito. Padres e freiras foram chamados para rezar e ajudar a mulher ser "casta" no sexo. Antes eram as freiras que odiavam o sexo, hoje são as feministas mais chatas: para elas nada de bonecas de quatro.

LUIZ FELIPE PONDÉ é filósofo, escritor e ensaísta, doutor pela USP, pós-doutorado em epistemologia pela Universidade de Tel Aviv, professor da PUC-SP e da Faap, discute temas como comportamento contemporâneo, religião, niilismo, ciência. Autor de vários títulos, entre eles, "Contra um mundo melhor" (Ed. LeYa). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Sex and the city (CONTARDO CALLIGARIS)

NUMA madrugada de inverno dos anos 1960, em Milão, um jovem casal estava num carro estacionado numa praça. Dez minutos foram suficientes para embaçar os vidros e esquentar os corpos. Dois guardas notaram que o carro subia e descia com movimentos "suspeitos". Eles gritaram "Polícia!" e mandaram abrir. O casal, intimidado, obedeceu, revelando seus corpos nus ainda enroscados. Os guardas autuaram a ambos por atentado ao pudor.

Um ano depois, os jovens foram inocentados: o juiz reconheceu que eles só se mostraram porque os guardas mandaram abrir o carro - ninguém atentara ao pudor de ninguém. Com amigos e amigas, decidimos zombar da polícia e dos cidadãos bem-pensantes (os quais, em cartas aos jornais, tinham manifestado sua indignação). Era de novo inverno; estacionávamos nossos carros, não de noite em lugares ermos, mas de dia, nas ruas mais frequentadas.

Assim que os vidros estivessem embaçados, era um exagero de sacudidas, de modo que ninguém duvidasse que, lá dentro, a gente fazia a festa. Infelizmente, nenhum guarda nunca bateu nos vidros de nossos carros trêmulos e protestatórios. Pensei nessa história na sexta passada, quando li a ótima reportagem de Roberto de Oliveira, em "Cotidiano" (**Folha**, 7 de junho): uma inquilina do edifício Copan, glória de São Paulo, emprestou seus aposentos para um casal de amigos cariocas. Na noite do dia 27, o casal subiu pelo elevador até o último andar e se engajou nas escadas externas. Um segurança viu esse movimento pelas câmeras e foi atrás, até encontrar o casal no ato (sexual, claro).

O síndico do condomínio multou a inquilina (R$ 678) - por escolher "mal" seus amigos? - e agora esbraveja que se tratou de um atentado ao pudor. Mas ao pudor de quem? Se o segurança (que imagino que seja maior de idade) "foi atrás", é porque estava a fim de dar uma espiadinha, suponho. Claro, haverá um carrancudo para perguntar: não podiam ir para seu apartamento e se deitar na cama? Pois é, não, não podiam. Ou melhor, podiam, mas deviam achar que seria muito mais chato do que transar com a vista de São Paulo, o ar frio, a sensação de estar fazendo algo inusitado, a fantasia de serem

vistos de alguma janela do Terraço Itália e, enfim, o risco de serem surpreendidos pelo segurança do prédio, como aconteceu.

Somos um pouco diferentes dos outros mamíferos. O cheiro do sexo oposto não é suficiente para nos excitar; precisamos recorrer a fantasias sexuais --sem isso, nada ou pouco acontece. E, se você acha que não recorre a fantasia alguma, isso significa apenas que você não sabe a quais fantasias recorre. O que é extraordinário não é que um casal transe nas escadas externas do Copan. O extraordinário é que tantas pessoas transem (ou digam que transam) sempre nas suas camas. Essa é uma opinião excêntrica de psicanalista? Tomemos o caso do risco: dois grupos parecidos atravessam um precipício por pontes diferentes, um passa por uma sólida ponte de alvenaria, e o outro, por uma ponte de cordas. Na chegada do outro lado, quem está mais receptivo para sexo? Pois é, são os da ponte estilo Indiana Jones.

O síndico do Copan declarou inicialmente que o ato era "depreciativo". Que cada um escreva sua lista das coisas que depreciam nossa vida. Na minha lista, há corrupção, violência, insegurança, incompetência, intolerância, estupidez são as coisas que atentam cada dia ao meu pudor. Um casal transando não está entre as coisas que depreciam meu dia, mas entre as que lhe dão valor. A vítima do Copan criou uma conta no vakinha.com.br, pedindo ajuda para pagar a multa. Quis contribuir ao pagamento da multa, que me parece injusta. Infelizmente, a conta foi apagada (talvez por causa dos comentários bestas e agressivos que ela recebeu).

O ministro da Saúde, Alexandre Padilha, tirou do ar uma ação de seu ministério voltada para as prostitutas (e demitiu o responsável pela campanha), porque ele se escandalizou com a frase "Eu sou feliz sendo prostituta", que ele substituiu por "Sem vergonha de usar camisinha" (que ele deve ter complementado mentalmente: "mas com vergonha de ser prostituta"). O ministro poderia ser candidato a síndico do edifício Copan.

Caro ministro Padilha, antes de demitir mais colaboradores competentes, dê uma lida: Gabriela Silva Leite, "Eu Mulher da Vida" (Rosa dos Tempos), "Filha, Mãe, Avó e Puta" (Objetiva) e (um pouco mais complexo) Eliana dos Reis Calligaris, "Prostituição - O Eterno Feminino" (Escuta).

CONTARDO CALLIGARIS é psicanalista, doutor em psicologia clínica e escritor. Ensinou Estudos Culturais na New School de NY e foi professor de antropologia médica na Universidade da Califórnia em Berkeley. Reflete sobre cultura, modernidade e as aventuras do espírito contemporâneo (patológicas e ordinárias). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Velhice (LÚCIO PACKTER)

A velhice corresponde a qual parte de sua vida? Usualmente se entende que ela está no final. Será mesmo? O que se pode dizer, por exemplo, de pessoas que despertaram para a vida aos 65, 70, 75 anos? Para algumas delas, a velhice corresponderia ao início da vida, não ao final. Mas, ainda assim, nosso mundo está preparado para acolher aqueles que nascem aos 70 anos? Quais os problemas em torno disso? Em 1910, Kafka escreveu, em seu diário, o quanto esses ventos podem ser confusos: "A nós ligam-se o nosso passado e o nosso futuro. Passamos quase todo o nosso tempo livre e também quanto do nosso tempo de trabalho a deixá-los subir e descer na balança. O que o futuro excede em dimensão, substitui o passado em peso, e no fim não se distinguem os dois, a meninice torna-se clara mais tarde, tal como é o futuro, e o fim do futuro já é de fato vivido em todos os nossos suspiros e assim se torna passado. Assim quase se fecha este círculo em cujo rebordo andamos. Bem, este círculo pertence-nos de fato, mas só nos pertence enquanto nos mantivermos nele...".

Você convive com velhos? Reparou nos movimentos lentos, nos áis, na respiração, nas roupas, nas rugas, nos sonhos? Mas essa parte da pessoa para onde você está olhando, que parece antiga, é a maior parte da pessoa? Se você perguntasse a ela a idade existencial, ela lhe diria ter 78 anos? O que acontece com almas de 25 anos em corpos de 78 anos? O que acontece com almas de 78 anos em corpos de 78 anos? Uma das indicadoras respostas vem de Clarice Lispector: "Uma das coisas que aprendi é que se deve viver apesar de. Apesar de, se deve comer. Apesar de, se deve amar. Apesar de, se deve morrer. Inclusive, muitas vezes é o próprio apesar de que nos empurra para a frente. Foi o apesar de que me deu uma angústia que, insatisfeita, foi a criadora da minha própria vida".

A velhice é passageira, como costuma ser a juventude? Ou durará para sempre? A velhice acontece com todos que vivem muito ou é restrita a uma parte das pessoas? Como saber quando somos velhos? Quais os caracteres de nossa antiguidade? Vergílio Ferreira oferece um caminho. Leia e verifique se é assim para você: "Vive o instante que passa. Vive-o intensamente até a última gota de sangue. É um instante banal, nada há nele que o distinga de mil outros instantes vividos. E, no entanto, ele é o único por ser não repetível e isso o distingue de qualquer outro. Porque nunca mais ele será o mesmo nem tu que o estás vivendo. Absorve-o todo em ti, impregna-te dele e que ele não seja, pois, em vão no dar-se todo a ti. Olha o sol difícil entre as nuvens, respira a profundidade de ti, ouve o vento. Escuta as vozes longínquas de crianças, o ruído de um motor que passa na estrada, o silêncio que isso envolve e que fica. E pensa-te a ti que disso te apercebes, sê vivo aí, pensa-te vivo aí, sente-te aí. E que nada se perca infinitesimalmente no mundo que vives e na pessoa que és".

Muitos pensam que o velho deve ser mimado, resguardado dos problemas maiores, afastado de querelas, protegido. Estes muitos, às vezes, esquecem que a velhice deu a alguns força, esplendor da experiência, conhecimento, acuidade com questões graves o suficiente para terem agora o vigor e a determinação que tantas vezes lhes faltou. Muitos velhos são extremamente fortes para determinadas questões para as quais adquiriram habilidades. Em suas cartas para Lucílio, Sêneca mostra propriedade em torno do assunto: "... reclama o direito de dispores de ti, concentra e aproveita todo o tempo que até agora te era roubado, te era subtraído, que te fugira das mãos. Convence-te de que as coisas são tal como as descrevo: uma parte do tempo nos é tomada, outra parte vai-se sem darmos por isso, outra deixamos escapar. Mas o pior de tudo é o tempo desperdiçado por negligência. Se bem reparares, durante grande parte da vida agimos mal, durante a maior parte não agimos nada, durante toda a vida agimos inutilmente".

Peculiarmente, um segmento amplo da sociedade parece associar velhice com doença. Em geral, a associação é oriunda do "declínio" de determinadas faculdades, como a força física. O mesmo poderia ser dito de crianças, mas o critério que coloca velhos próximos a doenças obedece outros elementos; as crianças estão subindo a gangorra, os velhos estão descendo. O fator social que coloca as coisas desse modo é uma das falácias da nossa época. Há diversas formas de velhice pouco conhecidas. Exemplo: uma questão como a afetividade, de tão desgastada, pode se tornar antiga o suficiente para ser velha. Leia um exemplo disso no poema de Cecília Meireles, escrito em 1957 (novo ou velho?...)

"Como se morre de velhice ou de acidente ou de doença, morro, Senhor, de indiferença. / Da indiferença deste mundo onde o que se sente e se pensa não tem eco, na ausência imensa./Na ausência, areia movediça onde se escreve igual sentença para o que é vencido e o que vença./Salva-me, Senhor, do horizonte sem estímulo ou recompensa onde o amor equivale à ofensa./De boca amarga e de alma triste sinto a minha própria presença num céu de loucura suspensa. / (Já não se morre de velhice nem de acidente nem de doença, mas, Senhor, só de indiferença.)"´

LÚCIO PACKTER é filósofo clínico e criador da filosofia clínica. Graduado em Filosofia pela PUC-FAFIMC de Parto Alegre (RS). É coordenador dos cursos de Pós-Graduação em Filosofia Clínica na Faculdade Católica de Anápolis, Faculdade Católica de Cuiabá e Faculdade ITECNE de Cascavel. **Revista FILOSOFIA, Junho de 2013.**

Que pressa é essa? (ROSELY SAYÃO)

TENHO recebido muitas mensagens de mães e de pais com dúvidas sobre qual é a melhor época para começar a tirar as fraldas dos filhos e como dar o primeiro passo. Vamos conversar a esse respeito, já que essa parece ser uma questão aflitiva para quem tem filho pequeno.

Uma mãe me escreveu dizendo que ela gostaria de esperar a filha dar sinais de que está pronta, mas a escola a chamou para informar que eles já vão começar a tirar a fralda e a instruíram sobre o que ela deve fazer em casa. Uma leitora, cujo primeiro filho tem agora dois anos, conta que não aguenta mais ouvir tanta gente perguntar quando ela vai tirar a fralda do garoto. Por outro lado, uma avó confidencia que acha os métodos atuais para ensinar a criança a ir ao banheiro inadequados. São boas as questões, não? Então vamos a elas.

O que eu li, nas linhas e nas entrelinhas das mensagens desses pais, é que eles se sentem pressionados. Fiz até uma comparação entre eles e quem tem filhos em época de entrar em faculdade. Parece, caro leitor, que são os pais que estão em prova nesse momento. Vamos manter a calma porque, nos dois casos, trata-se da vida dos filhos e de situações que eles devem resolver - com a nossa ajuda, claro! Não há tempo certo nem para começar nem para terminar esse processo; não há método mais ou menos adequado; não há receita. E sabe por quê? Porque não se trata apenas de controlar alguns músculos do corpo para conter o xixi ou o cocô; trata-se também de desenvolvimento pessoal, disponibilidade para o crescimento, tipo de relacionamento com a mãe e muito mais.

A criança costuma dar sinais claros de que ela quer aprender a usar o banheiro. Os pais não precisam se preocupar tanto. O que não podemos é antecipar o processo. Recentemente eu assisti a uma reportagem em que pais colocavam o filho de meses para fazer xixi fora das fraldas. Será que essa criança irá debutar - me perdoe usar esse conceito antigo - aos cinco anos? Que pressa é essa? Vamos respeitar o desenvolvimento de nossas crianças! Bem, mas quando a criança costuma dar esses sinais? Quando já controla melhor os músculos de seu corpo, o que podemos observar, por exemplo, quando ela consegue correr ou subir alguns degraus de escada. Além disso, quando ela se interessa pelo uso do banheiro.

Talvez esse seja o melhor indicativo para iniciar o processo com a criança. Quando ela pergunta do uso do banheiro, pede para ir, quer ficar por lá mais tempo, por exemplo. Quanto mais natural for o processo, melhor para a criança. Os pais não devem atrapalhar. Para isso, precisam munir-se de calma e paciência. A criança nem sempre vai acertar, e, mesmo depois de os pais acharem que ela já aprendeu, ela vai querer usar o banheiro quando tiver vontade, não quando os pais quiserem. E mais: ganhar prêmios por fazer a coisa que os pais julgam certa confunde a criança.

Esse é um momento importante, quando a criança conquista mais independência em relação ao seu corpo e adere de modo ativo ao estilo de vida adulto e de sua família. Quando a criança se nega a largar a fralda, embora nada em seu organismo a atrapalhe, é interessante refletir sobre quais motivos ela tem para recusar o estilo de vida que ela observa em casa e na escola.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e consultora em educação, fala sobre as principais dificuldades vividas pela família e pela escola no ato de educar e dialoga sobre o dia-a-dia dessa relação. Escreve às terças na versão impressa de "Equilíbrio". **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Reduzir o custo e melhorar o transporte (NABIL BONDUKI)

A INSENÇÃO de impostos federais para o transporte coletivo, que permitiu um reajuste abaixo da inflação das tarifas de ônibus, trem e metrô, ou seja, a redução do valor real da passagem, pode representar uma inflexão importante na política de mobilidade no país.

Se fosse aplicado o índice de inflação desde o último reajuste e a prefeitura não subsidiasse a tarifa, ela alcançaria R$ 4,13. Com o subsídio municipal, seria R$ 3,43. A isenção federal possibilitou uma redução de 6,71% na tarifa, fixando os R$ 3,20 adotados.

Embora esse valor pese significativamente no bolso do trabalhador de baixa renda para um transporte de qualidade sofrível, a situação poderia ser pior caso essa medida não tivesse sido tomada.

O governo federal, preocupado com o nível de emprego na indústria automobilística, vinha privilegiando apenas a redução dos impostos dos carros, estimulando seu consumo. A nova postura, resultado da interlocução do prefeito Fernando Haddad com a presidenta Dilma, poderá representar, se tiver continuidade, em um ponto de inflexão importante para estimular o transporte coletivo.

É necessário estabelecer mecanismos para transferir recursos do uso do automóvel para o transporte coletivo, como, por exemplo, taxar mais fortemente os modelos de luxo e cobrar a Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) sobre os combustíveis para financiar obras de mobilidade sustentável. Entre elas, a construção de novas linhas de metrô, BRT e corredores de ônibus, a implantação de ciclovias, a recuperação de calçadas e a melhoria nas transferências intermodais, pois bons acessos para os pedestres são fundamentais para o uso do transporte coletivo.

Não se trata de impedir o consumo do carro, mas estimular seu uso racional e sustentável. A melhoria do transporte coletivo - com mais eficiência, conforto, rapidez e redução do custo - é a melhor forma de limitar o uso do automóvel nos deslocamentos urbanos cotidianos, com impacto positivo no trânsito. Em São Paulo, uma maior redução na tarifa exige, por um lado, rigor na aferição dos custos das

empresas de ônibus e, por outro, ganho de eficiência do sistema. Isso deverá ocorrer nos próximos anos, com a implantação de 150 quilômetros de corredores de ônibus e outro tanto de faixas exclusivas, conforme o plano de metas de Haddad.

A implantação do Bilhete Único Mensal, a partir de novembro, compromisso de campanha do prefeito, será fundamental para garantir o direito ao transporte coletivo e à própria cidade. Com esse bilhete, o cidadão poderá usar os ônibus quantas vezes precisar durante todo o mês, pagando o equivalente a duas passagens diárias nos dias úteis, ou seja, por volta de R$ 147 por mês - os estudantes pagarão a metade do valor. O governo estadual precisa se integrar à proposta, incluindo o metrô e os trens metropolitanos no Bilhete Único Mensal.

Com ele, os trabalhadores que recebem vale-transporte ou passagens pagas pelo empregador poderão se deslocar para qualquer outra atividade sem custo adicional, ganhando o direito de circular gratuitamente para o lazer, a qualificação profissional e os encontros familiares e sociais. A oferta qualificada de transporte noturno e nos fins de semana, que também está programada, representará um benefício enorme para a juventude e trabalhadores que realizam atividades fora dos horários convencionais.

A redução do custo do transporte coletivo é essencial para que as passagens pesem menos no bolso do usuário. Isso exige maiores investimentos em corredores de ônibus, a reorganização das linhas, maior eficiência do sistema e controle social dos custos das empresas para reduzir gorduras que encarecem o valor das passagens.

NABIL BONDUKI, 58, doutor em estruturas ambientais urbanas e professor titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, é vereador em São Paulo pelo PT. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Do sonho ao vandalismo e à brutalidade (PAULO MOREIRA LEITE)

Manifestantes de movimentos sociais voltam às ruas das grandes capitais e são reprimidos com uma truculência injustificável e desproporcional, que não é vista desde os tempos da ditadura

PRAÇA DE GUERRA - Na quinta-feira 13, PM cerca manifestantes na rua da Consolação, em São Paulo, que protestavam pacificamente e usa balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo

PARIS, 1968 Havia confrontos e o desejo de mudar o mundo

Num país onde é frequente ouvir-se a queixa de que a sociedade sofre de profunda apatia, mostrando-se incapaz de mobilizar-se para defender seus interesses e encarar seus problemas de frente, a mobilização social de uma massa de estudantes e jovens trabalhadores de São Paulo deveria ser saudada como um exemplo de cidadania. Após quatro dias de protestos, contudo, surgiu em São Paulo uma situação hostil, assustadora e perigosa. Incapaz de atuar de forma preventiva, controlando as manifestações com métodos civilizados e fazendo uso consciente e responsável da força quando necessário, na última quinta-feira 13 a Polícia Militar de São Paulo retornou aos piores momentos de seu passado, quanto reprimia a população sob o regime militar para acuar e atacar militantes. Em meio à pancadaria, ocorreram 325 prisões e 105 pessoas ficaram feridas. Manifestantes foram alvejados com balas de borracha, bombas de gás e perseguidos pelas ruas da região central até tarde da noite. Atacados seletivamente, vários jornalistas acabaram feridos. Um deles, atingido no olho por um projétil emborrachado, corre o risco de perder a vista.

O retorno da Polícia Militar a sua face mais violenta ocorreu num dia que até prometia uma jornada de calmaria. Num esforço para evitar a confusão da quarta-feira 12, quando 97 ônibus foram depredados, dezenas de vitrines foram quebradas e até um policial correu o risco de ser linchado, numa sucessão de atos condenáveis promovidos por baderneiros mascarados, infiltrados entre os manifestantes, autoridades e ativistas fizeram um acordo para realizar uma passeata em percurso autorizado. Já no início da tarde, no entanto, se viu que nem todas as partes pretendiam cumprir o combinado.

SÃO PAULO, 11/06/2013, baderneiros se aproveitam de movimento para depredar patrimônio público e privado

SEM COMANDO

Policial lança gás de pimenta contra cinegrafista no centro de SP

Numa concentração marcada para o Teatro Municipal, que pretendia arregimentar quem estava interessado em participar do protesto autorizado, a polícia dava uma demonstração de desenvoltura excessiva ao realizar 40 prisões "para averiguações", eufemismo clássico para atos abusivos ."Quando fui perguntar por que dois conhecidos estavam sendo detidos, me advertiram: 'Não faz muitas perguntas se não levamos você também," conta o professor Lucas Oliveira, 28 anos, um dos porta-vozes do Movimento Passe Livre, entidade que cumpre, na luta por melhorias no transporte público, um papel semelhante ao que o MST assumiu na luta pela reforma agrária. Horas mais tarde, perseguido pela tropa de choque quando liderava uma passeata em outro ponto da cidade, Lucas Oliveira teve a canela ferida por uma bomba, sendo levado a um pronto-socorro.

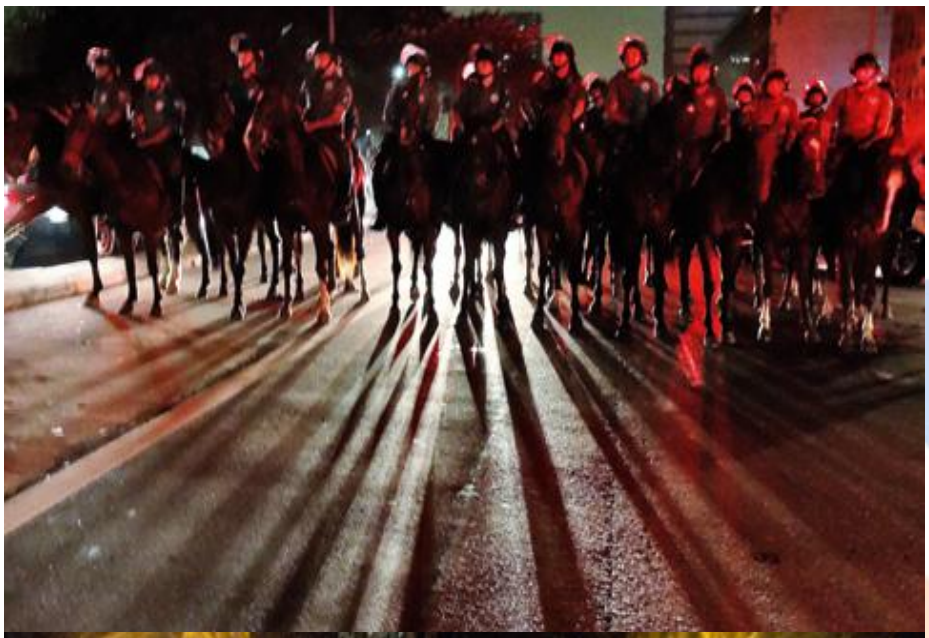
Falta ação da polícia para reprimir o crime, mas sobra força para repreender a população de forma arbitrária

Apesar destes percalços, o acordo parecia de pé. Tanto que a passeata autorizada realizou-se sem maiores atropelos, na área demarcada. Mais tarde, quando a caminhada atingia a rua da Consolação, ocorreu um episódio que faz parte do figurino de todo ato de protesto que se preze. Depois de cumprir o combinado, tentou-se ir mais além. Não é uma demonstração de cavalheirismo, nem de amor a palavra empenhada, mas faz parte do jogo tanto por parte de quem organiza protestos como de quem presta serviços policiais. A faísca acendeu ali. A PM poderia ter assumido duas atitudes razoáveis. Manter a avenida bloqueada, impedindo que a marcha seguisse em frente, nem que fosse preciso pedir reforços. Ou poderia, num ato de insólita cortesia, abrir passagem para os manifestantes.

Não se fez uma coisa nem outra. Quando lideranças do movimento tentavam negociar uma nova autorização, soldados da Tropa de Choque começaram os disparar tiros com balas de borracha. Bombas e até granadas foram atiradas sobre os manifestantes, que se dispersaram em correria pela rua mais célebre da boemia de São Paulo, a Augusta, onde foram atacados mais uma vez. Num esforço repetido de concentração e dispersão, sempre com policiais em seu encalço, a passeata seguiu em grupos menores, até tarde da noite. Ainda em atividade, a polícia importunou casais de namorados em bares da avenida Paulista. Passageiros de um ônibus foram atingidos por uma bomba de gás. Motoristas abandonaram os carros nas ruas, assustados. Num reflexo típico de tempos autoritários, a PM investiu com dureza seletiva sobre jornalistas presentes. A fotógrafa Giuliana Vallone, da Folha de S. Paulo, tomou um tiro de bala de borracha no olho. Outro fotógrafo também foi alvejado com maior periculosidade e na sexta-feira 14 corria o risco de perder uma vista.

...Enquanto isso, em Paris

Em meio à crise nas ruas, o prefeito paulistano Fernando Haddad, o vice-presidente Michel Temer e o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, encontravam-se em Paris na terça-feira 11 em solenidade



CAVALARIA INCONSEQUENTE

Na rua da Consolação, em São Paulo, polícia montada parte pra cima de manifestantes na quinta 13. Desta vez, não havia os tumultos provocados por minorias no dia anterior (abaixo)

Com tamanha brutalidade, a atuação da Polícia Militar ameaça dar um novo caráter à luta contra o reajuste da passagem. Mobilização realizada em nome de uma reivindicação social legitima, que deve ser discutida de forma civilizada e a partir de argumentos racionais, a repressão coloca em pauta o direito de cada cidadão pela liberdade de defender seus interesses. Conflitos políticos que fogem dos padrões da boa educação confundem o raciocínio e costumam ser avaliados mais pela coreografia do que pela substância. A passagem de ônibus teve um reajuste de 6,7% contra uma inflação de 15% desde o último aumento, de janeiro de 2011. O reajuste pode parecer razoável no visor de uma calculadora, mas está longe de ser uma questão simples.

Num cálculo do DIEESE, realizado em Porto Alegre, mas que tem semelhança com o que aconteceu no país inteiro, as passagens subiram 670% de 1994 para cá – contra uma inflação de 281%. Nesse ritmo, um cidadão paulistano que anda de ônibus duas vezes por dia e paga a passagem com dinheiro do próprio bolso deixa, na catraca, o equivalente a três meses de salário mínimo por ano. É uma boa quantia, mesmo quando se recorda benefícios recentes como o bilhete único e o vale transporte, que transfere grande parte do custo das passagens de funcionários de baixos salários, com registro em carteira, para a empresa. O encarecimento dos transportes tem levado um número cada vez maior de pessoas a andar a pé pelas grandes cidades. Falta-lhes dinheiro até para embarcar numa sardinha em lata nas horas de pico.

Embora os aumentos de passagem sejam alvo de descontentamento desde que os primeiros ônibus passaram a circular no país, ainda no século passado, não é uma surpresa que há pelo menos uma década os movimentos contra os reajustes tenham-se tornado um costume nacional, com altos e baixos em cada lugar. Em 2003, Salvador ficou paralisada por dez dias até que a prefeitura cedesse 9 das 10 reivindicações apresentadas pelos líderes do movimento. Em Florianópolis, os protestos conseguiram revogar dois aumentos, em 2004 e 2005. Em Vitória, isso já aconteceu uma vez. Mirando-se no exemplo paulistano, que preferem ver longe de seus domínios, outros prefeitos resolveram agir antes que fosse tarde. Em Curitiba, o preço da passagem foi reduzido em dez centavos. Em Goiânia, depois de subir para R$ 3,00 ela retornou para R$ 2,70. Em Manaus, houve um aumento de R$ 2,75 para R$ 3,00, mas o preço agora é R$ 2,90. Em Cabo Frio(RJ), a população vale-se do subsídio da prefeitura e paga apenas R$ 0,50 pela passagem dentro do perímetro do município.

O cidadão que anda de ônibus duas vezes ao dia deixa na catraca três salários mínimos por ano.
Há razões para protestar

Nos últimos anos, a sucessão de protestos levou ao surgimento, em vários pontos do país, do Movimento Passe Livre, uma federação de estudantes – muitos já se formaram desde então – com ideias esquerdistas de várias famílias, e uma prática de quem rejeita toda submissão a partidos políticos. Em São Paulo, o MPL tem raízes entre universitários da USP e estudantes de estabelecimentos frequentados por uma elite cultural de esquerda, como Escola da Vila, Vera Cruz, Oswald e o Colégio Equipe, mas é o centro nervoso de uma articulação maior e mais popular, com conexão com sindicatos e entidades da periferia. Seus encontros reúnem militantes selecionados, funcionando de acordo com princípios de horizontalidade.

Não há hierarquia formalizada. Todos têm direito a usar a palavra pelo tempo desejado por cada um – e por essa razão alguns debates podem prolongar-se por até 12 horas. As deliberações não são obtidas pelo voto, mas por um esforço permanente para se obter consenso. Praticantes de uma escola política que tem suas origens em movimentos radicais do século XIX, eles cultivam uma utopia urbana radical. Condenam o que chamam de "mercantilização" do transporte público e defendem a cobrança de tarifa zero – isto é, o transporte gratuito. Este sistema que costuma funcionar em cidades menores, em especial na Europa e em alguns estados norte-americanos, também foi implantado em três cidades brasileiras.

São localidades pequenas, como Agudos, em São Paulo, Porto Real, no Rio, e Ivaiporã, no Paraná. A população de todas elas, somadas, não chega a 100 000 habitantes.

Quando era prefeita de São Paulo, Luiza Erudina chegou a elaborar uma proposta de tarifa zero, mas não levou o projeto adiante. Em público ou em conversas reservadas, os militantes do MPL condenam atos de vandalismo como uma espécie de contra senso, pois prejudicam aquilo que gostariam de preservar – que são estações de metrô, pontos de ônibus e o espaço público em geral. "A gente não apoia nenhum tipo de depredação, seja de ônibus ou de estação de metrô", diz o universitário Caio Martins Ferreira. "Tentamos conter, mas é difícil. A gente não é dono de ninguém para dizer quem deve fazer o que," diz.

Os episódios de vandalismo que acompanham os protestos envolvem pessoas de outra origem, que trafegam um universo no qual a violência é um culto permanente, embora possa ser empregada de formas variadas. Ora pode ser um caminho para um acerto de contas entre turmas rivais, ora pode até apresentar um conteúdo político. São os chamados anarco-punks, um tipo de ativismo nascido nos bairros operários que enfrentavam as medidas de austeridade de Margareth Tatcher nos anos 1980, e que se tornou moda no Brasil uma década depois. Em dias normais, o esporte predileto dos anarco-punks é trocar pauladas com os skin-heads, inimigos irredutíveis e violentos. Em dias de mobilização política, como aconteceu em São Paulo por esses dias, comandam o quebra-quebra.

Com outros nomes e rostos, mas um ideário parecido, eles já apareceram em outros lugares. Na quinta-feira, eles surgiram entre as mobilizações em Porto Alegre. Picharam 21 lojas, depredaram seis agências bancárias, reviraram 40 containers de lixo. Em situação semelhante, 2 mil pessoas organizaram um protesto no Rio, no mesmo dia. O início foi pacífico, mas, no final, ocorreram cenas de baderna e confronto. Há dois anos, anarco-punks fizeram sua aparição à frente de uma sequência de atos selvagens em Teresina, no Piauí. Escondiam o rosto com capuz e se apresentavam como militantes de um certo "Movimento Anti-Capitalista". A exemplo do que ocorreu em São Paulo, não surgiram nos primeiros dias das mobilizações, mas naquela etapa em que o movimento já tinha força própria. Já chegaram quebrando bancos e vitrines de loja, incendiando ônibus. "Consegui marcar uma conversa a sós com um deles," conta o senador Wellington Dias, ex-governador e principal liderança política do Estado "Queria entender o que pretendiam. É outro mundo. Eles eram contra o sistema. Queriam quebrar tudo. São adversários de toda autoridade, desprezam as leis. O simples fato de encontrar-se com um político, como eu, já era perigoso e condenável."

RIO DE JANEIRO - Na capital carioca, ato na Candelária que começou pacífico, terminou com violência e depredação de prédios e monumentos históricos. Protestos no centro da cidade foram liderados por militantes do PSTU

PORTO ALEGRE - Na capital gaúcha, dezenas de manifestantes se concentraram em frente do prédio da prefeitura, que tinha a entrada isolada por cordas e vigiada pela Guarda Municipal, durante reivindicação contra o aumento da tarifa

A brecha que abriu espaço para os protestos contra um aumento de 20 centavos nasceu de uma presunção política – a ideia de que o reajuste poderia ser visto como uma questão administrativa. Fernando Haddad, o prefeito de São Paulo do PT, e Geraldo Alckmin, o governador tucano, pretendiam anunciar o aumento em janeiro, mas, em função de um pedido da presidente Dilma Rousseff, receosa de que a medida pudesse alimentar a inflação, decidiram adiar o reajuste por seis meses. O tempo permitiu uma negociação que parecia favorável a todos. O governo federal desonerou o PIS e o COFINS das empresas de ônibus. Com isso, foi possível elevar a passagem para R$ 3,20 em vez de para R$ 3,40.

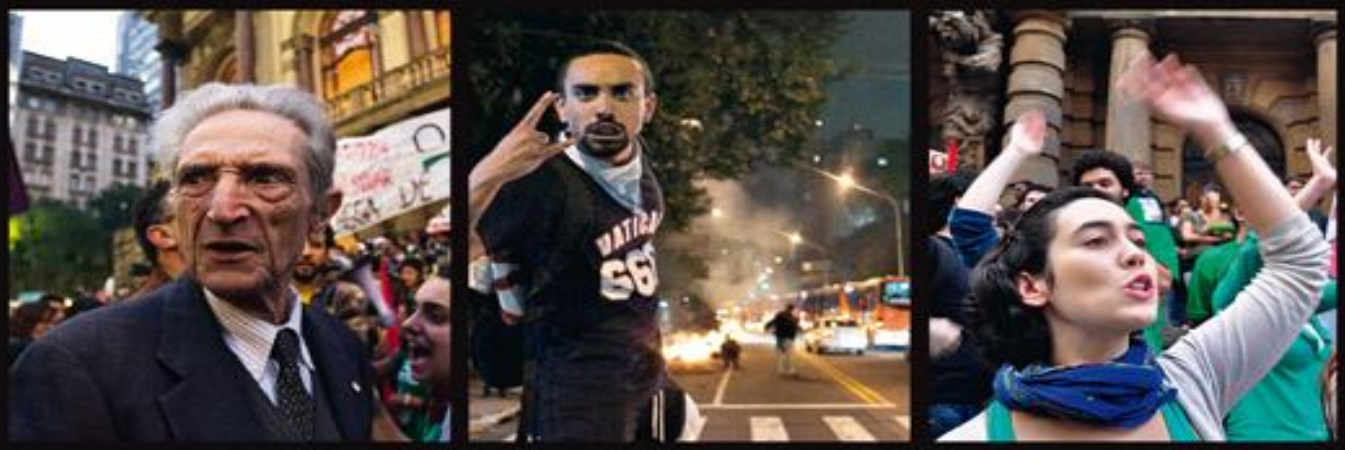
Tudo parecia acertado, mas faltou combinar com o principal interessado – o passageiro, que teria de colocar a mão no bolso e entrar com sua cota de sacrifício. Embora o reajuste das passagens seja um pesadelo histórico na rotina dos prefeitos de grandes cidades, que nem sempre enfrentam protestos portentosos, mas nunca são capazes de evitar quedas abruptas em seus índices de aprovação popular depois que o cidadão comum sente o golpe, o reajuste foi encaminhado como se fosse a coisa mais natural do mundo. "Eles esqueceram que por trás de uma decisão técnica sempre há uma questão política," afirma Lucas Oliveira.

Manifestações chegam a vários pontos do país e ganham causas diversas, da saúde à educação

No início dos protestos, Geraldo Alckmin e Fernando Haddad se encontravam em viagem em Paris, ao lado do vice-presidente Michel Temer. De lá mesmo informaram que não pretendiam modificar o reajuste. Numa argumentação que repetiu ao voltar ao Brasil, Alckmin explicou que o caixa do governo não tinha recursos para subsidiar o preço baixo. Haddad lembrou que, na campanha eleitoral, assumira o compromisso de fazer reajustes abaixo da inflação – o que fez, efetivamente. Tanto o prefeito como governador tem argumentos. Mas as manifestações expressaram outra realidade, mais exigente e inconformada – e são elas que aguardam respostas. Mas não as que a PM, com força violenta e desproporcional, deu.

INSATISFAÇÕES DIFUSAS

Uma grande diversidade de rostos mostrou que os protestos da última semana não foram formados apenas por integrantes do Movimento Passe Livre, organizado pelas redes sociais, alegadamente sem lideranças e autodefinido como apartidário. Entre os manifestantes – algo em torno de 5% deles – havia os chamados anarco-punks, que promovem culto à violência e costumam esconder o rosto com capuz. Houve ainda um



grupo mais heterogêneo, oriundo da periferia de São Paulo e convocado por redes sociais, a bradar insatisfações e empunhar bandeiras das mais diferentes, como a da liberalização da maconha, da descriminalização do aborto e até contra o aumento da inflação. Normalmente, esses grupos não surgem nos primeiros dias das mobilizações, mas naquela etapa em que o movimento ganha dinâmica própria.

Fotos: Ian Boechat; Rodrigo Paiva/RPCI; MASTRANGELO REINO/A2 FOTOGRAFIA; Ig Aronovich/Lost Art; Renato Luiz Ferreira/Folhapress; FABI0 TEIXEIRA / UOL/FOLHAPRESS; Tarlis schneider/ acuracia fotojornalismo; FABI0 TEIXEIRA; Felipe Paiva/Frame; ALICE VERGUEIRO/FUTURA PRESS; Cris Faga / Fox Press Photo

---

PAULO MOREIRA LEITE é Jornalista e escreve para esta publicação. **Revista ISTO É, Junho de 2013.**

A convulsão na noite dos namorados (CRISTIANE SEGATTO)

O homem atraente e poderoso no jantar romântico e o cérebro sem memória

Foi um dia de trabalho intenso, mas eu e meu marido queríamos comemorar o 12 de junho. Chegar ao nosso 15° Dia dos Namorados com muito mais risadas que arranhões é uma felicidade para poucos. Merecíamos um brinde. Na porta do meu bistrozinho favorito, nos juntamos aos tantos outros apaixonados que tinham reserva para o mesmo horário. Para acalmar os impacientes, o dono da casa servia rodadas de champanhe na calçada. Assim é o amor em São Paulo.

Entre uma taça e outra, um homem ao nosso lado trocava discretos carinhos com a namorada. A aparência deles sugeria que a noite havia sido planejada em detalhes. Essa é a graça do Dia dos Namorados, uma das poucas datas festivas em que a expectativa de prazer quase sempre se concretiza. O 12 de junho costuma ser melhor que os Natais, os aniversários, os casamentos e outros eventos sociais que podem ser arruinados por uma sogra controladora ou um cunhado bêbado.

O que poderia dar errado no Dia dos Namorados se o script é criado a quatro mãos por duas pessoas que se amam? Para o casal que seguia o roteiro à risca, tudo parecia muito bem. Ele, um homem atraente com pouco mais de 40 anos. Ela, uma moça bonita com menos de trinta. Qual teria sido o investimento dele na escolha da camisa e do paletó elegantes? E a namorada? Quanto tempo levou até se decidir pelo look que usaria na data especial? Maquiagem perfeita, cabelos lisos e compridos, saia longa, echarpe fina, sapatos e bolsa de grife.

O estilo e o comportamento indicavam qual era o lugar de cada um naquela relação. A julgar apenas pela imagem, a síntese da moça era a delicadeza. Parecia feliz no papel de protegida. O homem transmitia a impressão de ser a segurança em pessoa. Parecia seguro de sua aparência, de seu bom gosto, de sua conta bancária, da companhia que escolhera. Era o protetor e o provedor. Descobri também que a elegância dele era genuína. Quando o dono do restaurante se aproximou com a lista de reservas, prestes a convidá-los a entrar, o rapaz fez questão de esclarecer que eu e meu marido havíamos chegado antes. Agradecemos pelo gesto educado e entramos. Menos de 15 minutos depois, o casal foi acomodado numa mesa não muito distante da nossa.

Eu e meu marido conversamos, escolhemos os pratos, brindamos o nosso dia. O casal não teve tempo de fazer isso. De um minuto para outro, o restaurante inteiro ouviu uma mistura de urro e gemido. Olhei para o trio que tocava jazz ao vivo na esperança de perceber que aquilo havia sido algum recurso vocal. Uma ideia estapafúrdia, mas foi minha primeira reação. A realidade era bem menos romântica. O homem elegante estava sofrendo uma convulsão. Um ataque epilético grave como há muito tempo eu não testemunhava. Debatia-se, de olhos arregalados, e sem consciência. Estava imerso na solidão daquele momento em que os músculos se contraem, a pressão arterial e os batimentos cardíacos disparam e cada lado do corpo decide executar movimentos diferentes.

Uma crise epilética dura menos de um minuto. Parece muito mais para quem a sofre e para quem tenta ajudar. Muitos problemas de saúde despertam no ser humano uma sensação de extrema impotência, mas nenhum faz isso de forma tão abrupta quanto a epilepsia. O sujeito está no comando da situação, o raciocínio está no ápice de seu desempenho e, no instante seguinte, ele não é nada mais que um monte de músculos contraídos e mal comandados por um cérebro sem memória. Quem participa da cena não tem o que fazer, a não ser virar a pessoa de lado, evitar que ela se machuque e esperar que retome a consciência sozinha. É uma sensação de impotência pior que testemunhar um infarto. Se alguém sofre um ataque do coração, é possível tentar uma massagem cardíaca, uma respiração boca a boca ou uma manobra com desfibrilador nos lugares públicos equipados com ele.

Com a epilepsia, o melhor a fazer é respirar fundo, observar e esperar. Ela afeta duas a cada cem pessoas e pode ocorrer em qualquer idade. É o mais comum dos distúrbios neurológicos graves. As convulsões são provocadas pelo excesso de impulsos elétricos entre os neurônios. A doença costuma ser provocada por problemas no parto, traumatismos cranianos, pequenas lesões no cérebro, tumores, desidratações, infecções, dificuldades vasculares e envelhecimento. É difícil determinar os fatores que desencadeiam as crises. É difícil entender como é possível que um homem conduza a namorada com elegância por um salão e, no momento seguinte, se debata como um corpo sem dono. Quem sofre de epilepsia precisa aprender a lidar com as pistas que o organismo lhe dá.

Bebidas alcoólicas podem desencadear as crises. Terá sido esse o descuido daquele casal? Outras pessoas não resistem a estímulos luminosos intermitentes, privação de sono, stress, bebidas energéticas etc. Quando aprendem a reconhecer e evitar os fatores que desencadeiam as crises e tomam os medicamentos adequadamente, 70% dos pacientes controlam a doença. Muitos dos três milhões de brasileiros que sofrem de epilepsia não dão qualquer sinal de que convivem com uma doença crônica. É o professor da escola, o chefe na empresa, o colega que trabalha na mesa ao lado. Gente que vive e produz num nível de alto desempenho cognitivo. Nos últimos anos, os medicamentos evoluíram substancialmente. Foi-se o tempo em que eles provocavam intensa sedação e fadiga que permitiam o reconhecimento e a segregação dos epiléticos.

Era assim no tempo de Machado de Assis, o maior escritor brasileiro de todos os tempos. Ele chegou a sofrer doze crises por noite. Tentou se tratar com a única droga disponível no final do século XIX. Desistiu por não suportar a sedação provocada por ela. Preferia ter as crises a se tornar improdutivo. Suas convulsões foram testemunhadas por amigos e desconhecidos no espaço público e em casa. Quando se recuperava, sua primeira preocupação era perguntar à mulher: "Alguém viu?"

Poucas doenças (talvez nenhuma outra) provocam tamanho sentimento de inadequação. Gigantes se sentem diminuídos e inseguros diante da possibilidade de perda de controle. O que essa doença ensina a quem vive com ela e a quem a testemunha é que a vida é o território do imprevisível. Podemos reduzir riscos, mas o imponderável é vigilante. Estará sempre por perto para abalar certezas quando acharmos que já sabemos tudo. Quando acabamos de jantar, o homem parecia melhor depois do longo período em que esteve confuso. O SAMU foi chamado, mas a ambulância demorou 40 minutos. Quando chegou, o rapaz estava razoavelmente recuperado e resolveu não ir ao hospital.

Saiu do restaurante sem jantar, sem brindar e sem a elegância com que entrou. Sentado num banco da calçada, tinha a expressão envergonhada de um menino que foi colocado de castigo. Com a camisa aberta, os cabelos desgrenhados e o rosto suado, ele não era mais o protetor. O manobrista trouxe o BMW branco, de vidros escuros. A namorada o conduziu até o banco do passageiro. Deu a volta no carro e assumiu o controle. Que a noite romântica desastrada tenha gerado muitos dias de amor para o que der e vier.

CRISTIANE SEGATTO Repórter especial, faz parte da equipe de ÉPOCA desde o lançamento da revista, em 1998. Escreve sobre medicina há 17 anos e ganhou mais de 10 prêmios nacionais e internacionais de jornalismo. **Revista ÉPOCA, Junho de 2013.**

O governo deve monitorar os cidadãos? NÃO

Já somos monitorados demais (JOSÉ LUÍS OLIVEIRA LIMA)

MEMBROS da Al-Qaeda devem ter ficado satisfeitos em saber que, sob o pretexto de combater o terrorismo, o governo americano instalou uma ampla rede de espionagem por meio do monitoramento geral e indiscriminado de seus próprios cidadãos.

As informações são imprecisas, mas sabe-se que números de chamadas telefônicas de todos os cidadãos foram disponibilizados para serviços governamentais de inteligência. Os dados municiaram os trabalhos de agentes secretos que inseriram e depois retiraram os responsáveis pelo atentado na maratona de Boston do rol de suspeitos. Espiões que, talvez, foram colegas de curso dos ingleses que viram no brasileiro Jean Charles um terrorista no metrô londrino.

Essa bisbilhotagem poderá causar mais estragos do que uma bomba. Certamente existirão os abusos, bastando lembrar que o governo americano que espiona "para o bem" é o mesmo que atiça a fiscalização tributária contra seus opositores e que vasculha ligações telefônicas de jornalistas.

Ainda que sem os inevitáveis abusos, a própria democracia será atingida, uma vez que a intimidade é um elemento essencial para a dignidade da pessoa humana. Desnudado desse pequeno campo de proteção particular, o cidadão perde a capacidade de se enxergar como um ser único e titular de direitos. Por consequência, também não consegue compreender e respeitar as particularidades do outro. Sem o resguardo da vida privada, não há ambiente para o desenvolvimento livre da personalidade, acabando com o oxigênio vital para a sobrevivência de um Estado democrático.

No Brasil, felizmente, a proposta americana de devassa indiscriminada não seria admitida em nosso sistema jurídico. Aqui, a quebra de sigilo somente pode ser autorizada por uma decisão judicial devidamente fundamentada, demonstrando que existem indícios de que aquele específico cidadão é um possível autor de um determinado crime. Primeiro deve vir a fundada suspeita, depois a investigação, jamais o contrário. A violação à intimidade é tratada como medida de exceção, mas, ainda assim, são constantes os abusos.

Confrontadas com uma ordem abusiva, as próprias empresas responsáveis pela guarda dos dados sigilosos podem lutar pelo resguardo da intimidade de seus registros. Diante de uma ordem de quebra de sigilo manifestamente indiscriminada e genérica, instituições financeiras, operadoras de telefonia e provedores de internet podem impetrar mandado de segurança para impedir uma devassa coletiva que ameace a privacidade de seus clientes.

Exemplificando, um banco possui legitimidade jurídica para se insurgir contra uma ordem de entrega de extratos de todos os clientes de uma agência. Defende-se o direito de guardar segredos. O indivíduo alvo da violação, logicamente, também pode agir para impedi-la ou cobrar reparação pelo dano sofrido. Ações em defesa da intimidade são cada vez mais necessárias no mundo moderno. Hoje, cada um de nossos passos fica registrado: a compra com cartão de crédito, a multa do automóvel, a conversa na rede social, os sites acessados, os números discados. Ao vivermos já somos involuntariamente monitorados.

Esse enorme banco de dados pode evidentemente ser utilizado no combate ao crime, mas somente diante de uma fundamentada suspeita contra o cidadão. Buscar um maior poder do Estado no uso da tecnologia para um controle social extremo significa rejeitar a democracia e correr em busca do autoritarismo. É justamente nesse momento em que nossa segurança é ameaçada que devemos nos lembrar de que garantias individuais como a intimidade não representam um entrave a nossa proteção, mas, sim, traduzem a essência de nossa humanidade.

JOSÉ LUIS OLIVEIRA LIMA, 47, é advogado criminalista e membro do Instituto dos Advogados de São Paulo. **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

O governo deve monitorar os cidadãos? SIM

Big Brother e democracia (JOANISVAL GONÇALVES)

QUANDO, em 1949, George Orwell escreveu o romance "1984", tratou de uma sociedade futurística, na qual o Estado controlava os cidadãos de maneira absoluta, vigiando-os no mais íntimo de sua privacidade, determinando sua maneira de pensar.

Retratou um Estado onipresente, representado pela figura do Big Brother, que tudo via e tudo sabia. Entretanto, "1984" tratava de um regime totalitário. No século 21, o Grande Irmão chegou às democracias. Nas últimas semanas, com a revelação de que o governo dos Estados Unidos estaria reunindo dados a partir de interceptações telefônicas e acessos irregulares a mensagens e contas na internet de milhões de pessoas, o tema do Estado controlador do cidadão voltou à tona.

Nenhum direito individual é absoluto. A vida em sociedade requer a mitigação de alguns direitos individuais diante de certas necessidades coletivas, como a segurança. Assim, se as pessoas estiverem sob uma ameaça de significativa gravidade, o Estado pode mesmo violar a privacidade para protegê-las, sob a justificativa do imperativo da segurança. Esse é o argumento do governo Obama. E encontra acolhida em mais da metade dos estadunidenses, segundo pesquisas recentes: 56% dos entrevistados aprovam o monitoramento das comunicações telefônicas, enquanto 41% consideram a prática inaceitável.

Ao menos nos Estados Unidos, o assunto ainda suscitará discussão. E ali parece razoável que o Estado monitore seus cidadãos para protegê-los. Sob a perspectiva do povo norte-americano, a garantia da segurança coletiva e a proteção aos valores democráticos e aos princípios fundadores de sua nação seriam justificativas plausíveis para limitar liberdades individuais. É certo que direitos fundamentais podem se ver limitados por razões de Estado, em especial quando a sociedade é alvo de ações contrárias à ordem democrática estabelecida. Porém, para que o Estado limite direitos dos cidadãos, é fundamental que haja critérios que impeçam que agentes públicos cometam arbitrariedades.

O monitoramento das contas e comunicações dos indivíduos, se ocorrer, deve ser feito sob rígidos mecanismos legais e institucionais de controle. Caso contrário, abusos serão cometidos pelos órgãos de segurança e inteligência, uma vez que lidam com informação e poder. De fato, algo que diferencia os regimes democráticos dos autoritários é que, no primeiro caso, os serviços secretos protegem o cidadão e estão sob o mais rígido controle do Judiciário e do Legislativo. Também a sociedade civil organizada, com destaque para o papel da imprensa, deve ter essa prerrogativa.

Se, no país de Obama, é possível e até aceitável de acordo com suas leis, que o Estado monitore os cidadãos, no Brasil essa prática encontra limites claros. A Constituição só permite interceptação telefônica para fins de investigação criminal ou instrução processual e apenas com autorização judicial. Entretanto, muito difícil será impedir que autoridades estadunidenses monitorem as comunicações de brasileiros. Afinal, quem controlará as ações de política externa dos Estados Unidos? Que força terão os governos de outros países para impedir ou neutralizar iniciativas tecnológicas intrusivas da superpotência?

Seria ingênuo imaginar que, se houver uma determinação de um governo como o dos Estados Unidos, respaldada em leis e em autorização judicial ou legislativa, as informações pessoais de qualquer ser humano pelo globo ficarão a salvo do monitoramento. Na era do conhecimento e da realidade virtual, as pessoas devem estar conscientes de que podem ser objeto de vigilância, legal ou não. O Big Brother está lá, ainda que não gostemos dele.

JOANISVAL BRITO GONÇALVES, 38, é advogado e especialista em inteligência de Estado pela Abin (Agência Brasileira de Inteligência). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**

Teimosia empedernida (DRAUZIO VARELLA)

A FALTA de noção às vezes vem disfarçada de boas intenções. É o caso da lei que prevê penas maiores para traficantes, que acaba de ser aprovada pela Câmara e vai à votação no Senado. A proposta do projeto original era ampliar a pena mínima até para o contingente formado pelos que trabalham com quantidades pequenas ou vendem droga para custear a parcela que consomem.

Por sorte, o bom senso da parte do governo rejeitou a ideia de trancafiar essa legião de pequenos contraventores. Nem que transformássemos todas as escolas públicas em presídios haveria vaga para tanta gente. Você, leitor, que, como eu, morre de medo de ter um filho escravo da dependência química, gostaria de ver os vendedores na cadeia. Provavelmente, imagina que, se aprisionássemos todos, o adolescente não teria de quem comprar. Não menosprezo nem condeno esse pensamento mágico; já fui vítima dele. Depois de 24 anos em contato com traficantes e cadeias, minha visão mudou.

Mandar para trás das grades quem vende quantidades pequenas é medida insensata, pela mais singela das razões: quem usa, trafica. Seu filho que fuma um baseado de vez em quando sem você saber sai para comprar, e traz um pouco para o amigo. Por uma besteira dessas, mereceria passar anos enjaulado num presídio brasileiro? Agora, vamos à questão

daqueles que comandam grupos criminosos. Segundo o novo projeto, devem ser condenados à pena mínima de oito anos, em vez dos cinco anos previstos na lei atual.

Todos concordam que deveríamos prender os chefes. É voz corrente que a repressão não funciona, porque só vai presa a raia miúda. Por que será, não? A competência corruptora do traficante endinheirado está longe de ficar restrita ao suborno do policial corrupto. Seus tentáculos chegam aos três Poderes da República. Os milhões de reais movimentados pelo tráfico são lavados nos mesmos bancos em que você e eu depositamos o salário ganho com o suor de nossos rostos.

Aumentar as penas para combater o tráfico é uma falácia. Pode ter apelo eleitoral, mas serve apenas para dar às famílias a ilusão de que serão protegidas. Como bem lembrou o professor André Mendes, nesta **Folha** (em 29/5/13), a pena mínima estabelecida em 1976, que punia os traficantes com três anos de cadeia, foi aumentada para cinco anos, em 2006. De lá para cá, caiu o consumo de drogas no país? Você poderia argumentar que se prendêssemos os grandes, pelo menos a criminalidade diminuiria. Não é o que os estudos mostram, caro leitor.

Como em outros ramos da atividade econômica, o grande traficante começa pequeno. Salvo exceções, costuma chegar às posições de mando perto dos 40 anos, quando a maturidade já lhe ensinou que resolver os problemas à bala é menos lucrativo do que tentar solucioná-los por meio da negociação. Quando um chefe é preso ou morre, seus subordinados se matam para assumir o posto. Por ocasião dessas lutas pelo poder, muitos inocentes perdem a vida. Qual a solução?

Nas transações comerciais, enquanto existir um mercado consumidor em expansão, disposto a pagar qualquer preço por uma mercadoria que custa barato nos centros de produção, o impacto do aprisionamento de comerciantes será pífio. Oferta e procura é uma lei universal. É ingenuidade irresponsável supor que será revogada com medidas repressivas, por mais lógicas e bem-intencionadas que pareçam. Sem diminuir a procura, aumentar as penas dos traficantes só servirá para agravar o drama da superlotação das cadeias. Se no Estado de São Paulo há que se construir quase cem penitenciárias apenas para cobrir o atual déficit de vagas - além de mais duas a cada três meses para trancafiar os que serão presos pela polícia -, imaginem a calamidade enfrentada pelos Estados mais pobres.

Quantos anos serão necessários para nos convencermos de que a guerra às drogas foi um equívoco com consequências desastrosas para a sociedade? Quantos precisarão morrer até entendermos que dependência química é um problema de saúde pública que jamais será resolvido na base da repressão policial? Nos últimos 30 anos, os americanos investiram mais de US$1 trilhão nessa guerra. Tanto dinheiro, para criar o maior mercado consumidor do mundo.

DRAUZIO VARELLA é médico cancerologista. Por 20 anos dirigiu o serviço de Imunologia do Hospital do Câncer. Foi um dos pioneiros no tratamento da Aids no Brasil e do trabalho em presídios, ao qual se dedica ainda hoje. É autor do livro "Estação Carandiru" (Companhia das Letras). **Jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Junho de 2013.**